



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Mal-estar da História no Brasil?: Friedrich Nietzsche e o desejo de renovação das interpretações do passado nacional na Primeira República
Autor	VICENTE DA SILVEIRA DETONI
Orientador	FÁBIO FELTRIN DE SOUZA

Mal-estar da História no Brasil?: Friedrich Nietzsche e o desejo de renovação das interpretações do passado nacional na Primeira República

Vicente da Silveira Detoni¹

Em 1905, Rocha Pombo escreveu em seu romance *No Hospício* que “a história é mestra perigosíssima”. Esta formulação, aparentemente uma paráfrase do *topos* da *historia magistra vitae*, que, de forma sutil, o coloca em suspeita, parece antecipar denúncias aos limites e as nocividades da escrita da história do gênero que Paul Valéry enunciou frente ao conflito mundial desencadeado a partir de 1914: “A história é o mais perigoso produto que surgiu da química do intelecto... A história justificará qualquer coisa. Ela ensina precisamente alguma coisa, pois traz para si todas as coisas e fornece exemplos de todas as coisas...”. Quais teriam sido as condições de possibilidade desta enunciação de Rocha Pombo? Haveria na Primeira República no Brasil, tal como na Europa, um sentimento de hostilidade para com o conhecimento histórico, ou uma certa descrença quanto as potencialidades da escrita da história, uma denúncia de seus limites ou nocividades, entre os brasileiros? Em outros termos, haveria um “mal-estar da História” no Brasil na virada do século XIX para o XX? Esta pesquisa, na tentativa de dar conta destas questões, se concentrou no estudo da circulação do pensamento de Friedrich Nietzsche entre os homens de letras e intelectuais do período, principalmente aqueles envolvidos com a escrita da história ou em tentativas de definição de fronteiras de áreas do saber. O objetivo deste trabalho é investigar os modos de recepção, debate e apropriação da obra de F. Nietzsche, pelos intelectuais brasileiros do período que se estende do fim do século XIX à primeira metade do século XX. Por acaso poderia o pensamento de Nietzsche estar presente de algum modo nas discussões postas neste período, relacionadas ao estatuto científico ou artístico da historiografia, sobre a importância da escrita e sobre o local ocupado pelo método na determinação de maus ou bons historiadores? A opção por F. Nietzsche se justifica por este filósofo ter produzido em sua obra reflexões sobre ou *contra* a escrita da história, notadamente seu texto sobre as utilidades e inconvenientes da história para a vida. No Brasil, ele teria despertado grande interesse e teria feito sentir sua presença entre os intelectuais do período estudado, para além de ter sido uma grande fonte de inspiração entre os modernistas. Somado a isso, a obra de Nietzsche parece ser recepcionada no Brasil contemporaneamente a um momento de “crise” da intelectualidade, ou da ordem do tempo no Brasil. O *corpus* documental privilegiado na análise se constituiu em textos de jornal, sobretudo da imprensa carioca, paulista e sergipana da virada do século XIX para o XX, nos quais se encontram apropriações do pensamento do filósofo alemão. Os resultados desta pesquisa têm apontado para a hipótese de que se existiram “crises” nestes dois meios intelectuais, brasileiro e europeu, elas foram diferentes, e, isto, muito em função da diferença do lugar social que ocupava a própria escrita da história; que as leituras de F. Nietzsche foram, em certa medida, divergentes e que, se na Europa o filósofo contribuiu de algum modo para um certo desprestígio pelo qual passou a escrita da história convencionalmente produzida nas universidades, no Brasil o filósofo alemão foi apropriado de modo a fundamentar, ainda que de forma marginal, uma nova forma de se escrever a história da nação.

¹ Acadêmico do curso de graduação Licenciatura – História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim/RS. Bolsista de Iniciação Científica PRO-ICT/UFFS, edital nº 281, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Feltrin de Souza.